

## EDITORIAL

Caro Associado,

Chegamos a um ano de gestão completo, com 365 ações!

A diretoria gestão 2023-2025 trabalhou muito e se organizou para que fosse um ano produtivo, com ações psicopedagógicas significativas, que representassem nossa subjetividade e singularidade. Cada dupla da diretoria trabalhou em prol da seção com objetivos e intenções propositivas. Pudemos estar presentes com pessoas especiais nos grupos de estudos, nos eventos e construímos parcerias importantes para a seção. O site está em fase final de renovação e conta com a implantação de um novo sistema operacional, que juntamente com a ABPp Nacional, facilitará o processo de adesão de novos associados; melhorará a comunicação entre associados e gestão, atenderá as diversas demandas, com atualizações mais sistemáticas de informações e de nossa agenda cultural. O Informa, traz em sua essência a missão informativa formativa, mas também subjetiva. Contamos nesta edição com o apoio dos nossos conselheiros vitalícios, estaduais e nossos associados. Usando a descrição das autoras Souza e Sampaio que está em nosso Informa, por meio do artigo *O lugar da psicopedagogia na constituição do sujeito da aprendizagem*, confirma a ação da diretoria executiva ao percorrer os objetivos muito similares à ação psicopedagógica do fazer, pela aprendizagem, de cada movimento que elaboramos em nossa constituição enquanto seção neste ano, apropriando-se dos trabalhos em anos anteriores, a partir do conhecido e do novo, sentimo-nos gratificados enquanto sujeitos a realizar uma produção com a qual, nos reconhecemos, neste grupo, e cada um conquistou a sua autonomia dentro de um coletivo maior, que consideramos cultural e social, na inserção no mundo e num tempo em que o pensamento coletivo e singular é mais que indispensável. O autor Almeida nos contempla com as suas palavras, escrevendo... *“que uma boa prática pedagógica (e psicopedagógica) precisa alinhar os aspectos emocionais com os cognitivos. Afinal de contas, um conhecimento produzido sem tocar o coração é um conhecimento vazio de sentido, que tende a vagar aleatoriamente pelo espaço da racionalidade”*, e neste sentido, é possível refletirmos sobre o reconhecimento subjetivo de um ser que sente e que se apaixona, se vincula a partir do que lhe toca e lhe afeta, e como complemento questiono: - qual o sujeito que está conosco que não precisa do sentir e do sentimento de estar com e pelo outro, a troca da subjetividade dos seres entre o aprendente e ensinante, na clínica, na escola e na vida? As autoras, Federico e Labaki nos conduzem a uma retrospectiva histórica e nos instigam a refletir sobre a transversalidade da nossa prática, em que a dimensão cognitiva, está vinculada as dimensões afetivas e subjetivas, corporais e sociais, indispensáveis para a constituição de nossa atuação como a do sujeito aprendente. Os eventos da diretoria cultural tiveram a sua singularidade e momentos marcantes como o advento dos grupos de estudos, que foram bem aproveitados pelos associados, com a participação das queridas conselheiras, Mônica Mendes, Ariane Zanelli, Sonia Colli e da arte terapeuta Dilaina Santos. Ainda como complemento das ações, além do Encontro Estadual, com o tema Deficiências humanas: desafios e conquistas,

onde contamos com profissionais da escola, de instituições e de depoimentos pessoais, o evento brindou nossas crenças e princípios psicopedagógicos, também tivemos o lançamento da coleção *Intervenções em Psicopedagogia*, que discute temas relacionados com a prática clínica psicopedagógica. Uma coleção escrita por psicopedagogos. Fazem parte desta coleção, alguns autores associados, membros da diretoria executiva e do conselho estadual. A coleção foi organizada por: Carolina Toledo Piza, Tais Lara Campos Morosi e Elizeu Coutinho de Macedo. Leia a resenha que consta a seguir. A autora Del Corto reafirma o nosso papel enquanto sujeito psicopedagogo e o lugar da psicopedagogia, do quanto já estamos alicerçados pelo saber fazer e da singularidade da nossa capacidade e potência e, nos interpela para que não fiquemos atrás de tantos outros recursos que não fazem parte da psicopedagogia, mas que cuidemos daquilo que já construímos ao longo de nossa história, no artigo: *Que lugar que nós psicopedagogos ocupamos na Psicopedagogia?* A coordenação do projeto Social atuou de forma intensa. Foram muitas reuniões, muitos fazeres, formações, planejamentos, apresentações, atendimentos psicopedagógicos e supervisões. Parabéns às associadas, aos supervisores e coordenadoras e agradecimentos especial aos parceiros e instituições dos projetos bem como às famílias, crianças, jovens e adultos atendidos. A Comissão de Ética representada por Colli, faz menção ao Código de Ética da Psicopedagogia e traz uma reflexão sobre ser ético na vida, confira a leitura! O grupo atuante e com propostas iniciadas para o semestre que vem! Fique de olho e leia o Código de Ética para saber mais! Convidamos vocês, associados e profissionais da área da saúde e educação a percorrem as palavras traduzidas aqui, pensando no sujeito aprendente e na sede de aprender, no brincar que cada sujeito carrega e na sua essência de ser e ter sido criança. Confira a nossa agenda cultural o que aconteceu e nossas futuras ações para 2024.

Associado, traga seus colegas para a Seção para fortalecermos a Psicopedagogia no Estado de São Paulo!!! Desejamos a todos, um excelente final de 2023 e um 2024, com muito afeto!

Ruth Nassiff

Diretora Presidente da ABPp SP (gestão 2023 -2025)

## AGENDA CULTURAL

### Propostas para o 1º semestre de 2024

- Grupos de Estudos gratuito aos Associados – temas: Testes não restritos; A família dentro da Psicopedagogia.
- Oficinas, Cursos e Palestras: Coleção Intervenções em Psicopedagogia; Psicanálise e afetos na Psicopedagogia; Jogos na avaliação e intervenção; Psicomotricidade- fluência e grafia.
- Reuniões Projeto Social.
- Preparação do Encontro Regional da Região Sudeste.

## PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

[www.saopauloabpp.com.br](http://www.saopauloabpp.com.br)

[saopaulo@saopauloabpp.com.br](mailto:saopaulo@saopauloabpp.com.br)

contato: 11 9.6416-1030



## O lugar da psicopedagogia na constituição do sujeito da aprendizagem.

**Maria Luísa Carvalho de Almeida Sampaio** – Pedagoga, Psicopedagoga, Mestre e Doutora em Psicologia da Educação. Associada Titular da ABPp/SP

**Ariane Zanelli de Souza** – Pedagoga, Psicopedagoga titular da ABPp/SP-Conselheira Estadual da ABPp/SP.

Os tempos atuais, onde vivemos imersos num excesso de informações, trazem novos desafios e perspectivas. Assim sendo, como pode a psicopedagogia ocupar-se do sujeito da aprendizagem tendo em conta a diversidade humana com toda sua complexidade e singularidade e, portanto, seus diferentes modos de aprender? De que lugar virão as vozes que farão eco (ou não) na singularidade da própria psicopedagogia para enfrentarmos tais desafios? É no resgate do interior do campo clínico da psicopedagogia dinâmica de Sara Paín (1985), que começamos a responder tais questões. Vale destacar que o termo *lugar* diz respeito a delimitação de um espaço, uma posição. Assim sendo, a psicopedagogia clínica se situa no campo de intersecção entre a educação e a psicologia, uma vez que se ocupa dos problemas de aprendizagem. Apesar dessa contiguidade, a psicopedagogia se discrimina dessas áreas, posto que se debruça sobre o significado do não-aprender para o sujeito. Desta forma, a psicopedagogia inaugura um campo teórico próprio, que se diferencia e se ancora em si mesmo, sem desconsiderar as interfaces nas quais também se apoia e com as quais dialoga. Assim, pode-se dizer que a psicopedagogia ocupa um lugar próprio e, portanto, singular em relação à outras áreas. Posto isso, para Sara Paín (1985), o problema de aprendizagem se manifesta de duas formas: problema de aprendizagem como sintoma – aquilo que afeta o pensamento, não permitindo que o sujeito explore todas as suas possibilidades na relação e na apropriação do objeto de conhecimento – e a inibição intelectual, que diz respeito à retração da função cognitiva. Nestes dois casos, o problema encontra sua articulação na situação integrada pela criança e sua família. Em outras palavras, ele expressa um conflito intersubjetivo e necessita de um acolhimento. Veremos mais adiante sobre como surge a intersubjetividade e sua relação com a constituição do sujeito que aprende. Tomemos a psicopedagogia clínica, esclarecendo que o termo clínica advém da medicina e é extensivo aos profissionais da saúde e educação, pois envolve cuidado, escuta e tratamento. Desta forma, “clínica” é aqui atribuída a toda intervenção psicopedagógica. Uma das bases teóricas da psicopedagogia clínica é a epistemologia genética, de Jean Piaget, e em particular, seu método clínico. Como lembra W. Godfrey Cobliner em René Spitz (1980: 279), esse método se baseia na arte de perguntar, com o objetivo de buscar o que está oculto por detrás das aparências. Ao indagar a criança, busca-se compreender o que norteia seu raciocínio. E se a resposta é vaga ou contraditória, o investigador, “(...)aperta o cerco em busca do pensamento fugidio... (*no sentido*) de desvendar o segredo de sua composição”. Esta é a postura do psicopedagogo, qualquer que seja sua área de atuação, quando o que se pretende é conhecer a fundo o sujeito, considerando que a aprendizagem está inexoravelmente interligada à dramática subjetiva inconsciente.

Utilizamos essa denominação, que é utilizada por diferentes autores, dentre eles, Maria Lúcia Lemme Weiss (2020), independente da esfera em que se realiza a práxis psicopedagógica.

Assim, cabe à psicopedagogia clínica um duplo olhar e uma dupla escuta, verificando as relações entre a dimensão cognitiva e afetiva, para compreender o universo que se inscreve o sujeito e a significação que o não-aprender adquiriu para ele. O sujeito a que nos referimos é um ser indivisível. Como bem lembrou Lino de Macedo, no VI Simpósio de Psicopedagogia da Região Sudeste, em 2022, o indivíduo (do latim, *individuus*) consiste num ser individual, conhecido por sua existência única, indivisível e irredutível. Daí sua integralidade. Neste sentido, a psicopedagogia clínica compreende o sujeito como um todo e não o reduz a partes ou funções.

Se consideramos que a psicopedagogia se ocupa de um sujeito indivisível e singular e valoriza os aspectos relacionais, além dos aspectos da cognição, torna-se necessário lembrar que o processo de constituição do sujeito se inicia a partir do encontro com a mãe ou a pessoa que a representa. O bebê se humaniza por meio das trocas afetivas com a mãe, sendo introduzido por ela ao campo da intersubjetividade.

Victor Guerra (2022) nos mostra que a intersubjetividade, a experiência do bebê com sua mãe, começa pela indiferenciação, mas aos poucos, vai dando lugar ao espaço “entre” os dois, a partir do compartilhamento de estados emocionais, da construção de significados compartilhados, para, enfim, haver uma diferenciação, etapa fundamental na subjetivação.

Sobre esta noção, Alicia Fernández (2001), uma das principais vozes da psicopedagogia, também assinala a importância deste espaço “entre” como espaço de produção de diferenças, onde o pensar pode acontecer “entre” o sujeito e o pensável, “entre” o ensinante e o aprendente na constituição do sujeito da aprendizagem.

Retomando o processo de subjetivação, uma vez estabelecida a diferenciação mãe-bebê, cria-se um espaço para a entrada do pai ou seu substituto, que de acordo com Joel Dör (1991), estabelece a função paterna, abrindo para a criança o mundo das trocas simbólicas. A partir de então, se dá a constituição do sujeito da aprendizagem, podendo assim manifestar “sua” perspectiva, “sua” maneira de investigar os objetos com seu tempo e seu ritmo.

O que resulta de tal processo é a constituição de um sujeito que é um ser único, que tem sua história, seus desejos, seus conflitos e seu modo de aprender. E, por conseguinte, um sujeito inserido de forma singular diante da cultura. Este é o sujeito que será convocado a partilhar das soluções que os conflitos de uma sociedade em constante e veloz transformação impõe. Será preciso aprender coisas novas continuamente, conservando memórias e criando em tempos de descontinuidade. Neste sentido, o objetivo da psicopedagogia clínica não é adaptar o sujeito à instituição escolar ou ao que quer que seja, pois assim, estaríamos corroborando para a destituição subjetiva da criança e nos colocaríamos no centro da padronização do ser. Retornando a Sara Paín, o problema de aprendizagem é uma forma de subjetivação, de marcar uma posição, mas também traz consigo um apelo: o de ser visto, escutado e reconhecido em sua singularidade. Assim, na psicopedagogia clínica buscamos desenvolver a hospitalidade, que, de acordo com Michèle Petit (2006) é acolher o sujeito a partir de sua linguagem singular e em seu próprio tempo e ritmo. Nesta perspectiva, respondendo à questão do lugar da psicopedagogia, cabe a nós, psicopedagogos, um posicionamento em nossa intervenção face a constituição do sujeito do conhecimento: que a aprendizagem consista numa gratificação para o sujeito, que ele se reconheça por meio da própria produção e que conquiste autonomia na inserção no mundo da cultura, num tempo em que o pensamento crítico é indispensável.

### Referências Bibliográficas:

- Dor, J. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991
- Fernández, A. *O saber em jogo. A psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001
- Guerra, V. *Vida psíquica do bebê*. A parentalidade e os processos de subjetivação. São Paulo: Blucher, 2022
- Paín, S. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1985
- Petit, M. A leitura em espaço de crise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 40(3): 149-167, 2006
- Spitz, R. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1980
- Weiss, M. L. L. *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*, Rio de Janeiro: Lamparina, 2020

### O sujeito dos afetos e a ética do cuidado

**Alexandre Patrício de Almeida** - Mestre e doutor em Psicologia Clínica, Psicanalista, Psicopedagogo e autor de diversos artigos científicos e livros.

Quando penso sobre o lugar do sujeito na Psicopedagogia, costumo pensar, primeiramente, na concepção de sujeito propriamente dita. Atualmente, mergulhados na lógica neoliberal da produtividade, falamos de um sujeito do desempenho, da performance e da competitividade. Pensamos em alguém dissociado da sua psique, pois nessa perspectiva capitalista, só há lugar para a *mente* – no sentido cognitivo do termo.

Testes, métricas e escalas quantitativas exercem predominância sobre os afetos e, por conseguinte, anulam qualquer indício de subjetividade. Não estou dizendo que eles não existam e que não sejam importantes para a prática psicopedagógica. Refiro-me à banalização de leituras e abordagens que, frequentemente, são superficiais e desconsideram as nossas características fundamentalmente humanas.

Entretanto, é preciso ter cuidado ao falar e, sobretudo, ao escrever sobre os afetos, ou seja, sobre a nossa dimensão subjetiva. Em um território dominado majoritariamente pelas epistemologias baseadas em “evidências” é necessário ter estudo, propriedade, consistência e coragem ao se lançar nesse mar de incertezas. Afinal, observar e pesquisar aquilo que é da ordem dos sentimentos é se dispor a sair de um terreno firme e arriscar a pisar em um solo movediço. É seguir na contramão dessa ordem social sedenta por respostas, por diagnósticos que encarceram o sujeito dentro das suas próprias limitações, impossibilitando o crescimento emocional e, também, cognitivo.

Não custa lembrar que na vida e na escola, aprendemos por *amor* a alguém ou a alguma coisa. Igualmente, para que possamos aprender qualquer tipo de habilidade é necessário haver *paixão e desejo*, ou, na ausência desses afetos, temos de recorrer à prática do *cuidado*; é por meio desse mecanismo essencialmente humano que tais sentimentos terão a oportunidade de existir, e não o contrário.

Podemos afirmar que, no campo psicanalítico, a ética do cuidado inaugurou-se com as contribuições do analista húngaro Sándor Ferenczi, recebendo novos e importantes significados por meio das descobertas e publicações do pediatra britânico Donald W. Winnicott. Ferenczi ficou conhecido, em nossa história, como o analista de “casos difíceis”, atendendo inúmeros pacientes que haviam sido vítimas de traumatismos psíquicos severos e que, por isso, não respondiam à técnica psicanalítica padrão desenvolvida por Freud. O autor húngaro também se consagrou como um grande *cientista clínico*, buscando sempre o alívio *efetivo* dos sofrimentos de seus analisandos. Winnicott, por sua vez, é um herdeiro direto da pediatria e ingressou na psicanálise com esse “diferencial” a seu favor. O autor inglês se considerava um estudioso da *natureza humana* e, gradualmente, firmou os alicerces de sua teoria do desenvolvimento maturacional. “Cuidado”, portanto, é o termo winnicottiano usado para se referir à *provisão ambiental*, imprescindível à integração do *ser* que, nos primeiros períodos da vida, necessita de uma presença ativa, devotada e confiável, desempenhada pela figura cuidadora.

Esses grandes mestres inovadores nos permitiram refletir sobre a existência de um manejo clínico ancorado no *tato* e na *empatia* do analista; recursos que, por sinal, também são indispensáveis ao exercício pedagógico. Winnicott (1970/2021) em seu texto “Cura: uma conversa com médicos”, nos dirá que a clínica psicanalítica deve acontecer no âmbito do relacionamento entre *dois seres humanos*. Por essa razão, a concepção de cura, no sentido *médico* do termo, precisa ser substituída por uma conotação mais abrangente: de cura enquanto um exercício de cuidado pelo outro. Nas Palavras do autor:

“A psicanálise não se resume a interpretar o inconsciente reprimido, mas fornece um *setting* profissional para a *confiança*, no qual esse trabalho pode ocorrer” (Winnicott, 1970/2021, p. 134, grifos meus). Ferenczi (1932/1990), nas notas realizadas em seu *Diário clínico*, segue esse mesmo fio condutor: “Contra a vontade de Freud, comecei a tratar publicamente de questões referentes à técnica. Recusava-me a abusar assim da *confiança* dos pacientes [...]; eu achava [...] que nós ainda estávamos, talvez, *insuficientemente*

equipados” (p. 233, grifos meus). Para esses autores, a posição do analista requer um alto nível de *confiabilidade* e não pode ser fundada em uma postura fria e distante.

A mesma hipótese pode ser atrelada à educação. Rubem Alves, em um de seus textos mais tocantes, que versa sobre a organização do currículo escolar, questiona: “onde se ensina a compaixão? Como se ensina a compaixão? O lugar da compaixão não é o lugar do conhecimento. É no coração. É do coração que a *ética* surge, como determinação *viva do corpo*” (Alves, 2013, pp. 32-33, grifos meus).

Não se trata de romantizar o processo educacional, de esquecer que a prioridade da escola é ensinar, compartilhar conhecimentos, e que, para isso, o mínimo de ordem (e limite) torna-se indispensável. O que pretendo demonstrar, com essas breves reflexões, é que uma boa prática pedagógica (e psicopedagógica) precisa alinhar os aspectos emocionais com os cognitivos. Afinal de contas, um conhecimento produzido sem tocar o coração é um conhecimento vazio de sentido, que tende a vagar aleatoriamente pelo espaço da racionalidade.

Trata-se de superar os dualismos que imperam na modernidade: individual e coletivo, natureza e cultura, corpo e psiquismo, que, quando deixam de ser pensados em termos de oposição e dominação, passam a ser compreendidos como ligados a um processo de continuidade, sem rupturas e exclusões. Nesse âmbito, a ética do cuidado se mostra extremamente eficaz e transformadora.

#### Referências Bibliográficas:

Almeida, A. P. (2023). Por uma ética do cuidado: Ferenczi para educadores e psicanalistas (vol. 1). São Paulo: Blucher.

Almeida, A. P. (2023). Por uma ética do cuidado: Winnicott para educadores e psicanalistas (vol. 2). São Paulo: Blucher.

---

### O aprendente como sujeito do processo de aprendizagem: o olhar da Psicopedagogia Dinâmica

**Regina A. S. Irani Federico** - Fonoaudióloga, conselheira estadual da ABPp Seção São Paulo

**Carla Labaki** - Pedagoga, Psicopedagoga, conselheira estadual da ABPp SP, conselheira nacional da ABPp

A Psicopedagogia surgiu como alternativa de trabalho com estudantes que apresentavam problemas de aprendizagem, para os quais a medicina e a pedagogia não tinham respostas suficientes. Inicialmente, atuava numa abordagem reeducativa, mas isso também se mostrou ineficaz pois não considerava todas as dimensões envolvidas nos processos de aprendizagem. Considerava apenas a dimensão cognitiva, deixando de lado as afetivas e subjetivas. A partir de então, passou-se a levar em conta os diferentes aspectos que compõem o contexto no qual o sujeito está inserido, não numa relação de somatória, mas na transversalidade de todos eles, que perpassam o indivíduo, quais sejam, o organismo, o corpo, o aparato cognitivo e as emoções. Todos eles constitutivos do sujeito.

A Psicopedagogia passa, então, a ter o papel de apoiar o sujeito no processo de descoberta de seu mundo interno, de reconhecimento de sua riqueza, de seus potenciais e de seus desafios, com o intuito de dialogar com o pensamento próprio do sujeito, numa relação dialética e reflexiva. A Psicopedagogia dinâmica amplia a compreensão do sujeito para além dos diagnósticos e laudos, que contribuem, mas oferecem uma visão fragmentada. Este olhar psicopedagógico considera todas as experiências do sujeito nos diferentes sistemas aos quais pertence.

A abordagem dinâmica é de natureza inter e transdisciplinar, apoiando-se em diferentes referenciais teóricos da Psicologia, da Educação e da Neurociência, além de levar em conta as próprias experiências do indivíduo no ambiente socioeducativo e cultural no qual está inserido. Esses referenciais fundamentam a construção de uma teoria própria da psicopedagogia, onde não só a compreensão das escalas de desenvolvimento, das modalidades de aprendizagem, do funcionamento cognitivo e subjetivo estão presentes, mas também a compreensão da importância da construção do vínculo, que constitui a relação terapêutica psicopedagógica. No setting de atendimento, a relação, a presença que convoca e o acolhimento são as ferramentas que constituem os pilares que sustentam o trabalho.

Um sujeito, ao expressar uma imagem ou um pensamento, se expõe ao olhar e ao julgamento do outro. Portanto, é fundamental que se estabeleça no processo psicopedagógico uma relação de confiança entre o aprendente e o psicopedagogo. As intervenções, não sendo invasivas, mas sobretudo convidativas, dão espaço de fala e legitimam a experiência vivida pelo sujeito. Além disso, podem possibilitar a expansão da curiosidade, do sentir, do pensar e da construção do conhecimento, valorizando e legitimando o saber próprio do sujeito, sua capacidade criativa e de autoria.

Vivemos numa sociedade que valoriza o ideal de desempenho, que busca soluções tecnicistas, onde não se dá o tempo necessário para os processos de construção simbólica do conhecimento. A escuta e o espaço psicopedagógico, indo na direção oposta, devem sustentar e acolher esses processos, dando suporte afetivo e cognitivo, com um olhar cuidadoso, respeitoso e reflexivo. Para isso, é necessário um tempo de sustentação do processo de construção do conhecimento por parte do aprendente. Entrar em contato com o mundo interno do outro é riquíssimo, mas é preciso saber a hora de insistir e a hora de respeitar o silêncio, a quietude. Segundo Bion, o papel do analista é ver o invisível e ouvir o inaudível. Podemos pensar que o psicopedagogo também tem esse papel. E é nesses espaços de silêncio, de quietude e de reflexão que a aprendizagem acontece e se acomoda.

“O silêncio da *posição terapêutica* não significa estar calado, mas deixar falar as posturas e os gestos, o corpo e a palavra” (FERNANDÉZ, 2012, P. 118). E é também, a partir daí, que o aprendente pode tomar consciência de seus processos de aprendizagem, entrando em contato com suas potencialidades e com seus desafios. Refletir e construir, com o apoio e a sustentação do psicopedagogo, as estratégias e os caminhos que o auxiliem no seu processo de construção. Segundo Celso Gutfreind, não basta um para aprender, toda aprendizagem se dá no encontro, é uma história relacional. O trabalho psicopedagógico pode ser entendido como um lugar de subjetivação, guardião do tempo e do espaço necessários para o processo de criação, de autoria de pensamento, de renovação de perguntas e de simbolização. Além do contexto terapêutico, o indivíduo está inserido na família, na escola e em outras comunidades, que trazem marcas constitutivas, as quais poderão, no espaço psicopedagógico, ter lugar de interação e integração.

Alicia Fernández, ao responder a pergunta “*O que é a Psicopedagogia?*” afirma:

“...sem fechar a resposta, mas contextualizando no que, para mim, é o objetivo de toda intervenção psicopedagógica: **ABRIR ESPAÇOS SUBJETIVOS E OBJETIVOS, ONDE A AUTORIA DE PENSAMENTO SEJA POSSÍVEL, quer dizer onde possa surgir o sujeito aprendente.**” (FERNÁNDEZ, 1994, p.13, tradução nossa)

Referência bibliográfica:

FERNÁNDEZ, A. *A atenção aprisionada: Psicopedagogia da capacidade atencional*. Porto Alegre: Penso, 2012.

FERNÁNDEZ, A. El porqué, para qué y cómo, de la insistencia de la pregunta: “¿qué es la Psicopedagogia?” In *Revista E.Psi.B.A.: Psicopedagogia*. Número 0, Buenos Aires, 1994.

## RESENHA

A coleção *Intervenções em psicopedagogia: teoria e prática baseada em relatos clínicos* foi cuidadosamente elaborada com a finalidade de apresentar aspectos teóricos e práticos da clínica psicopedagógica. Tem por objetivo expor os fundamentos teóricos que embasam o trabalho do psicopedagogo nos processos de avaliação e intervenção em diferentes contextos da prática clínica. Para isso, são descritos de forma clara, mas não superficial, estudos de casos que envolvem aprendizes da pré-escola até a vida adulta, sob um olhar contemporâneo, multidisciplinar e preventivo.

Grande ênfase foi dada à experiência prática dos autores no âmbito clínico, e a obra é destinada a estudantes de psicopedagogia, ao psicopedagogo clínico recém-formado, bem como àqueles com mais experiência, que buscam um olhar contemporâneo da área. Além disso, interessa a todos os profissionais que trabalham com a interface saúde e educação, visando refletir sobre a temática da aprendizagem e seus desafios em diferentes contextos. Dessa forma,

a presente obra vem ocupar um espaço vazio, na medida em que não temos conhecimento de um livro nacional que apresenta com tanta abrangência aspectos tão variados do atendimento na clínica psicopedagógica e, portanto, com possibilidade de ser usado como texto de referência em diversos cursos na áreas da psicopedagogia e da neurociência aplicada à educação e aprendizagem.

Além do mais, a coleção se tornou ainda mais relevante pós contexto da crise sanitária da *coronavirus disease 2019* (Covid-19), pois, com o fechamento das escolas e o distanciamento social, os estudantes foram seriamente impactados em seu desenvolvimento acadêmico e emocional. Dessa forma, questões como o teleatendimento e uso de diferentes recursos tecnológicos são apresentadas e discutidas a fim de que o psicopedagogo possa ter uma atuação ainda mais relevante nesse novo contexto.

A obra também destaca a importância de estabelecer um olhar cuidadoso para dinâmicas familiares e seu impacto na rede, com ênfase na atuação psicopedagógica. Assim, são discutidas questões como a condução do contato inicial, da entrevista de anamnese e devolutiva com os familiares, a integração família e escola, e consequentemente a relevância da participação da família em todas as etapas do trabalho psicopedagógico. Os capítulos foram escritos por profissionais com formação teórica sólida e experiência no atendimento clínico psicopedagógico. Dessa maneira, os casos apresentados ilustram situações bastante comuns encontradas no atendimento de pessoas com dificuldades de aprendizagem e com outros quadros que costumam gerar impacto no neurodesenvolvimento. A descrição dos casos ajuda o leitor a desenvolver ainda mais o raciocínio clínico, auxiliando tanto no processo de avaliação diagnóstica quanto de eficácia das intervenções com maiores evidências propostas.

A coleção é dividida em três volumes independentes, mas relacionados entre si, que discutem temas relacionados com a prática clínica. O primeiro volume apresenta fundamentos teóricos e históricos da psicopedagogia e descreve as etapas do processo e a articulação da rede que está envolvida no processo terapêutico. Também introduz uma discussão sobre a importância de práticas baseadas em evidências científicas, tais como a relação da psicopedagogia com o modelo de Resposta à Intervenção (*Response to Intervention – RTI*). Além disso, é discutida a contribuição dos conhecimentos advindos das neurociências na prática psicopedagógica. No segundo volume são apresentados casos clínicos em diferentes contextos e fases do desenvolvimento humano. Já no terceiro e último volume são apresentadas práticas e ferramentas complementares ao trabalho do psicopedagogo, como a articulação com a psicomotricidade ou o uso de jogos para enriquecer a atuação clínica do psicopedagogo.

Esperamos que esta coleção seja relevante para todos aqueles que têm interesse em intervir nos processos de aprendizagem em diferentes níveis e contextos. Assim, apresentam-se instrumentos, procedimentos e relatos de casos com a finalidade de produzir reflexões e práticas que provoquem impactos positivos na vida das pessoas que cruzam seu percurso. Que sejamos inspirados a planejar os atendimentos, estabelecendo metas cuidadosas e realistas, e centradas na funcionalidade. Que sejamos encorajados a registrar e revisar os processos, de modo a monitorar as mudanças, oferecer aos pacientes intervenções afetivas e de qualidade, e consolidar práticas psicopedagógicas baseadas em evidências. Boa leitura!

Os organizadores: Carolina Toledo Piza, Tais Lara Campos Morosi e Elizeu Coutinho de Macedo

## ARTIGO DE OPINIÃO

### Qual lugar nós psicopedagogos ocupamos na Psicopedagogia?

**Cláudia Del Corto** - Psicopedagoga, psicanalista, mestranda em Psicologia Clínica - Associada da ABPp SP

Pensar a psicopedagogia hoje, nos permite circular entre as diversas áreas do conhecimento. Como é sabido, a aprendizagem humana nos torna singulares na vida. Cada um aprende à sua maneira e é justamente essa dinâmica que fortalece e diferencia o trabalho da psicopedagogia. Quando questiono sobre o nosso espaço de atuação e

a respeito da potência que ele nos sugere, acredito que vale o convite para uma reflexão, o que tem me motivado a pensar sobre a nossa prática.

É recorrente encontrar profissionais da nossa área que apostam na especialização em outras disciplinas como estratégia para conquistar respeito na psicopedagogia. Talvez com intenção de se sentirem mais valorizados e aceitos. O que me chama atenção não é a busca pelo conhecimento adicional em si, mas a procura de credenciamento em outra área. Não critico em momento algum, a investida feita por nós na aquisição de novos conhecimentos, pois ela é força motriz, válida e necessária para qualificar a nossa atuação. O que coloco em questão é a necessidade de uma validação externa como condição de reconhecimento do nosso lugar de psicopedagogos.

Temos historicamente um lugar consolidado e que paradoxalmente, não o reconhecemos como tal. Será que essa situação é reflexo da insegurança pela regulamentação profissional ainda não conquistada? Talvez! Mas penso que o fato de não nos sentirmos seguros em nosso papel, nos distancia do que já conquistamos. Sim, temos uma identidade fortalecida que não precisa ser outra coisa para sustentar um campo profissional de exercício e enfrentamento dos nossos desafios. Um exemplo que mobiliza a todos nós, é a busca desenfreada por confirmações diagnósticas e atuações reparadoras. Identificamos uma situação frequente que nos pressiona a condicionar os alunos ao processo escolar, com o objetivo de uma adaptação ao *status quo*. As demandas direcionadas, a nós psicopedagogos, comprovam a convocação insistente para a entrada em jogos perigosos: o da avaliação quantitativa, o da prática da reeducação, bem como o de uma via extremamente biologizante sobre a aprendizagem.

"Ele não aprende, só pode ter TDAH. Tem algum fiozinho desencapado aí. Você pode confirmar para mim?" Quando respondemos a esse discurso, sem considerarmos a aprendizagem em sua integralidade, entramos na lógica neoliberal que nos torna ávidos por resoluções prontas e por medidas apaziguadoras. São questões que nos impõem um compromisso com a nossa própria categoria para não incorrerem em um retrocesso histórico e, assim nos distanciarmos da essência psicopedagógica que considera o sujeito em sua totalidade e singularidade. Ao atendermos apenas às demandas que emergem apressadas para mudança de comportamento, nos distanciamos da psicopedagogia que considera o sujeito em sua singularidade e priorizamos um trabalho reeducativo, mais preocupado com aplicação de atividades e o desaparecimento de sintomas sem a consideração de vários aspectos que envolvem o contexto apresentado. Somos convocados a quantificar, avaliar, testar e, por vezes diagnosticar, numa linguagem que não a da psicopedagogia. Nossa formação teve tantos ganhos no sentido de ir na contramão dessa via restrita do diagnóstico elementar, ao qual agora nos vemos confrontados.

A postura psicopedagógica propõe sair da perspectiva de uma única lente para integrá-la ao mosaico com novos encaixes e compreensões, resgatando a autoria do indivíduo em seu processo de aprendizagem. Isso começa por nós profissionais. Epistemologicamente, falamos de outro lugar e esse é o nosso diferencial. Como nos diz A. Jacquard (1997, p.1) "... não se trata somente do olhar que dirigimos às estrelas, mas do olhar que pousamos sobre nós mesmos". Precisamos reconhecer nossa autoria e entrar em contato com o que já temos em nossa constituição profissional, validando-nos nesse sentido. Fazer um movimento de que, na constante busca de aprimoramento, possamos fortalecer ainda mais nosso campo de atuação. É deste lugar que podemos afirmar nossa identidade, sem sermos ingênuos ou onipotentes, mas com prevalência de uma busca constitutiva que considera a psicopedagogia como profissão de valor. Assim ocuparemos nosso lugar que é o de movimento, articulação, construção dialógica sobre a aprendizagem humana.

Gergen, Kenneth J. Construcionismo social: um convite ao diálogo. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

Jacquard, A. Construire une civilisation terriene, Les grandes conférences, Fides, 1993.

Paín, Sara. Diagnóstico e tratamento dos Problemas de Aprendizagem. Porto Alegre: ArtMed, 1992

Rubinstein, Edith. Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos. 4ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012

Tecendo a práxis psicopedagógica. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2023.

Trócme- Fabre, Hélène. A árvore do saber-aprender: rumo a um referencial cognitivo. São Paulo: TRIOM, 2004.

White, Michael. Mapas da prática narrativa. Porto Alegre: Pacartes, 2012.

## ACONTECEU

Neste espaço divulgamos e registramos os eventos promovidos pela ABPp Seção São Paulo, durante o 2º semestre de 2023. A maioria dos eventos realizados pela ABPp SP, foram realizados de forma online.

**Agosto** – Banca de titularidade; **Grupo de Estudos com Sônia Colli** - “A importância do desenvolvimento percepto-motor nas intervenções Psicopedagógicas”; - **Grupo de Estudos com Dilaina Paula dos Santos** - “As narrativas como possibilidade de construção de saberes na Clínica, na Escola e na Família – Reunião da Comissão Científica: Convidado: Alexandre Patrício de Almeida; 2ª Reunião do **Conselho Estadual**.

**Setembro** - **Palestra com Camila Leon** - Comemoração da semana de Dislexia; - **Encontro Estadual**: “Deficiências humanas: desafios e conquistas” e Comemoração do aniversário da Seção São Paulo; - Assembleia Extraordinária - **Reforma do Estatuto**; - Lançamento da coleção de livros: “**Intervenções em Psicopedagogia**”- **teoria e prática baseada em relatos clínicos** Vol 1, 2 e 3.

**Novembro** – **VI Simpósio Nacional de Psicopedagogia**: “Psicopedagogia: formar e transformar o sentido de aprender na vida” 28/11 – Reunião do **Projeto Social**.

**Dezembro** – 3ª Reunião **Conselho Estadual**.

## PROJETO SOCIAL

O Projeto Social da Associação Brasileira de Psicopedagogia Seção São Paulo “A ABPp SP vai a Comunidade”, tem como finalidade, prestar serviço social gratuito à comunidade, o que é realizado por associados efetivos e titulares da Seção São Paulo que atuam voluntariamente no Projeto Social da ABPp SP.

Neste semestre, intensificamos os trabalhos com os diversos parceiros que foram se agregando ao nosso projeto, como: o Núcleo de Apoio à Inclusão Social para Pessoas com Deficiência (Naispd) - Casa do Pequeno Cidadão; Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA) Casa Edith Stein; Instituto PROF. Fundação Casa - Unidade Brás; Serviço Social de Osasco – SAICAS; Lar da Bênção Divina - atendimento clínico; a Cooperativa do Bem – dando suporte para a necessidade de encaminhamentos psicológicos; no Ambulatório do Desenvolvimento e Comportamento de Pediatria do Hospital das Clínicas - USP- e Fundação para o Estudo e Tratamento das Deformidades Craniofaciais (Funcraf).

Vale ressaltar que temos voluntários atendendo mais de uma criança/adolescente, que devido a abrangência e pluralidade de ações deste projeto, atualmente aguarda a adesão de voluntários para atender nossa lista de espera.

Convidamos a todos os associados a participar deste projeto exitoso, que abre portas tanto aos voluntários como para os atendidos do programa.

Venha fazer parte deste projeto!!!

**Mª Cristina Natel, Rebeca Lescher e Sandra Lia Santilli**  
**Coordenadoras do Projeto Social (gestão 2023/2025)**

**Contato:** [projetosocial.abppsp@gmail.com](mailto:projetosocial.abppsp@gmail.com)

**Inscreva-se:** <https://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/inscreva-se/>

**Procure mais informações em:**

<http://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/historico>

**A Ética na vida**

“Ética na vida é ser respeitoso para com a sociedade e consigo mesmo.”

Parece tão obvio e fácil. Esta reflexão pode seguir em diversas direções dependendo do lugar onde colocamos o homem na sociedade e na vida.

Para Aristóteles são valores éticos a coragem, a temperança, a liberdade, a magnanimidade, a mansidão, a franqueza e a justiça.

A ética se ocupa com os fundamentos da vida moral, dos valores de convivência social, e do respeito pessoal. Assim ser ético é agir de acordo com as regras e a moral de cada sociedade, com a essência que se toma para a própria conduta honesta, respeitosa, íntegra, sincera e solidária. Sendo o homem um ser social, ser ético é cumprir com os preceitos morais socialmente válidos, é ser coerente aos próprios princípios decorrentes do respeito à sociedade que compartilha.

Assim a ética profissional é responsável por conferir homogeneidade no comportamento entre profissionais, proporcionando normas de valores como respeito, justiça e honestidade.

Ser ético na vida, é ser elegante consigo mesmo, na ausência dos demais como se estivesse junto.

**Sônia Maria Colli**- Membro da Comissão de Ética do Conselho Estadual da ABPp - SP

**DIRETORIA EXECUTIVA**

**DIRETORA PRESIDENTE:** Ruth Nassiff

**DIRETORA VICE-PRESIDENTE:** Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

**DIRETORA SECRETÁRIA:** Paula Roberta Martins Fernandes de Castro Santos

**DIRETORA SECRETÁRIA ADJUNTA:** Wylma Espinheira Teixeira Ferraz

**DIRETORA FINANCEIRA:** Eliana Santos Moura

**DIRETORA FINANCEIRA ADJUNTA:** Helena Maria Barbosa da Silva

**DIRETORA CULTURAL:** Cecília Gereto de Mello Faro

**DIRETORA CULTURAL ADJUNTA:** Patrícia Rossi Torralba Horta

**DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E PUBLICAÇÕES:** Maria Lúcia Moura Caruso

**DIRETORA ADJUNTA DE COMUNICAÇÃO E PUBLICAÇÕES:** Mônica Recusani

**PROJETO SOCIAL**

**COORDENADORA DO PROJETO SOCIAL:**

Maria Cristina Natel

Rebeca Lescher N. de Oliveira

Sandra Lia N. Santilli

**CONSELHO ESTADUAL:**

Adriana Araujo

Andrea de Castro Jorge Racy

Ariane Zanelli de Souza

Camila Barbosa Riccardi León

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Ernani Pereira Junior

Márcia Alves Verri

Marcia Di Santo Machado

Regina Irani Spirandeli Federico

Sandra Casseri Rindeika

**CONSELHO FISCAL:**

Márcia Maria Machado Monteiro

Ymei Uvo de Sá Trench

**CONSELHO VITALÍCIO:**

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

**Coleção: Intervenções em psicopedagogia**

A coleção “Intervenções em psicopedagogia: teoria e prática baseada em relatos clínicos” está sendo cuidadosamente elaborada com a finalidade de apresentar aspectos teóricos e práticos da clínica psicopedagógica.

O objetivo da obra é expor os fundamentos teóricos que embasam o trabalho do psicopedagogo nos processos de avaliação e intervenção em diferentes contextos da prática clínica. O leitor encontrará estudos de casos que envolvem aprendizados da pré-escola até a vida adulta, sob um olhar contemporâneo, multidisciplinar e preventivo.



**Associação Brasileira de Psicopedagogia**  
**Seção São Paulo**



Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**

**EDITORA DE REDAÇÃO:** Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

**CONSELHO EDITORIAL:** Andréa de Castro Jorge Racy , Ariane Zanelli de Souza, Maria Cristina Natel e Cecília Gereto de Mello Faro.

**TIRAGEM:** 500 exemplares

**CRIAÇÃO E IMPRESSÃO:** KOSMOGRAF